



Companhia das Lezírias

Resumo do PGF

Introdução

O Plano de Gestão Florestal da Companhia das Lezírias, S.A., visa integrar e consolidar as práticas de gestão florestal desenvolvidas na UG, algumas com décadas de implementação, outras que foram adoptadas recentemente. Integra as orientações da actual estratégia de integração das actividades operacionais e da sua melhoria, tendo em conta a conservação do património natural em presença.

A presente Unidade de Gestão (UG) é uma das maiores do país gerida no âmbito de uma empresa agro-florestal, de acordo com princípios de gestão privados, apresentando as quatro espécies florestais mais importantes em termos económicos e uma diversidade de produção de bens e serviços complementares.

Identificação da Unidade de gestão

A Companhia das Lezírias (CL) é proprietária de 17.952 hectares, património constituído por dois núcleos, o núcleo de Vila Franca de Xira, conhecido por Lezíria e o de Samora Correia habitualmente conhecido por Charneca.

A Lezíria está situada na freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa e não apresenta, em toda a sua extensão, qualquer uso florestal digno de referência.

A Charneca situa-se no distrito de Santarém, concelho de Benavente e freguesia de Samora Correia.

A Unidade de Gestão (UG) a que diz respeito este plano corresponde à área da Charneca e possui 10.983 hectares, sendo a sua continuidade geográfica apenas interrompida pelas estradas nacionais 10, 118 e 119.

Gestão e administração da unidade de gestão

A Companhia das Lezírias, S.A., sendo uma sociedade anónima cujo accionista único é o Estado, e sob tutela partilhada do Ministério das Finanças, representado pela Parpública, SGPS, e pelo Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, é gerida por uma administração nomeada pelo accionista e rege-se de acordo com o direito privado.

Definição da política para a unidade de gestão

A actual Administração assumiu, para com o Accionista, o compromisso de pôr em prática uma gestão assente nos seguintes princípios:

- transparência e rigor;
- melhoria sustentável dos resultados operacionais e do bem-estar social;
- conservação e valorização dos activos materiais e imateriais, com particular atenção para a imagem "Companhia das Lezírias" e marcas associadas;
- garantia da continuação da viabilidade da Companhia das Lezírias enquanto unidade de exploração agro-pecuária e florestal;
- conservação dos recursos naturais de que é depositária;
- manutenção da sua unidade territorial e reforço dos laços com o sector agro-pecuário e florestal, para aproximar a Sociedade das questões agro-florestais e ambientais.

A partir destes princípios foi definida uma política para o sector florestal que passa por:

- implementar uma gestão que seja um exemplo de exploração sustentável dos recursos, no respeito pelo património natural;
- a melhoria do estado geral do montado de sobre através, essencialmente, da conservação e melhoria do solo, da protecção da regeneração natural e do controlo do estado sanitário;



Companhia das Lezírias

- a manutenção do pinheiro bravo como a principal essência produtora de lenho, através de um controlo rigoroso do nemátodo do pinheiro, uma aposta na regeneração natural e uma melhoria progressiva na lotação dos povoamentos e conformação das árvores;
- um maior aproveitamento do pinheiro manso, quer ocorrendo em povoamentos instalados quer resultado de regeneração natural;
- a manutenção da área destinada ao eucalipto mas com a maximização da sua produtividade através do emprego de material genético mais adaptado às estações;
- o aproveitamento de todos os recursos associados à floresta compatíveis com o conjunto das actividades da Companhia;
- a manutenção e, mesmo, aumento da diversidade dos habitats;
- uma postura de abertura ao exterior através de três vertentes:
 - promovendo o conhecimento pela sociedade dos recursos naturais da Companhia e da sua importância para o ordenamento da área metropolitana;
 - promoção e divulgação das boas práticas florestais no sector florestal; e
 - colaboração em projectos de investigação que possam melhorar o conhecimento sobre as principais essências florestais e restantes recursos naturais.

Planeamento e ocupação actual do solo

O presente plano foi elaborado tendo em conta os instrumentos de gestão territorial nacional, regional e municipal aplicáveis bem como o plano de gestão da Zona de Protecção Especial do Estuário do Tejo.

A área florestal da UG corresponde a 79% da área da UG e é constituída em 78 % por montado de sobreiro, em 11 % por pinhal bravo, em 5 % por eucalipto e em 6% por pinhal manso.

Apresenta-se na tabela seguinte os principais usos do solo na Charneca.

	Área (ha)	%	
Companhia das Lezírias	17.952		
Unidade de Gestão	10.983	100	
Total área arborizada	8.662	79	
Sobreiro	6.751	78	
Pinheiro bravo	953	11	
Pinheiro manso	512	6	
Eucalipto	434	5	
Total área agrícola	1.278	12	
Pivôs	460	36	
Arroz	627	49	
Vinha	144	11	
Olival	47	4	
Total de pastagens	5.898	54	
Pastagens	Biodiversas	2.691	46
	Naturais	2.707	46
Várzeas e incultos	500	8	
Barragens e charcas	147	1,3	
Vegetação ripícola	47	0,4	
Áreas sociais	25	0,2	
Improdutivos	23	0,2	
Outros usos não especificados	313	2,8	

Para além das actividades de exploração florestal, agricultura e pecuária fazem parte do elenco de actividades de uso e fruição na Charneca, a pesca desportiva, a caça, a apicultura, o lazer e a extracção de inertes.



Companhia das Lezírias

Condições ecológicas

Segundo a carta de Manique e Albuquerque (1954), a UG encontra-se situada na Zona Ecológica Sub-Mediterrânea, mais especificamente, na Charneca Pliocénica do Ribatejo.

De acordo com os índices climáticos, o clima desta região pode ser considerado como Mediterrâneo de transição entre o Semi-Árido e o Sub-Húmido. Os Diagramas Ombrotérmicos para as diferentes Estações Meteorológicas permitem concluir que a extensão do período seco nesta região é apreciável, iniciando-se em Maio-Junho e prolongando-se até Setembro. Os valores de alguns elementos e índices climáticos para a zona são.

	Benavente
Temperatura média anual (°C)	16,3
Precipitação média anual (mm)	662,5
Precipitação estival (mm)	26,1
Coefficiente Hidrotérmico de Lang	40,7

A UG caracteriza-se por ser constituída por áreas predominantemente planas, cujas cotas variam entre um metro de altitude nos vales das linhas de água que a atravessam e 53 metros nos pontos mais altos.

Em termos de litologia, predominam as formações sedimentares. Os solos da UG são, no essencial, originados a partir de grés de vários tipos e de materiais arenosos soltos ou pouco consolidados. São solos de textura arenosa, contendo bolsas de formações argilosas ou de materiais detríticos constituídos por cascalheiras.

As classes de solo mais representadas no seu estado puro são os Regosolos e os Podzóis não Hidromórficos sem e com surraipa. Os solos hidromórficos têm uma representação geográfica bastante expressiva, bem como os solos Mediterrâneos Pardos e os solos Litólicos não Húmicos. Em relação à acidez os solos são predominantemente ácidos.

O predomínio da classe D e a larga representação da classe de uso C indica-nos claramente que estes solos não têm praticamente restrições para a utilização que deles se faz: pastagens e exploração florestal. As principais limitações à utilização do solo na UG são o excesso de água, provocado por má drenagem superficial, a difícil infiltração e as inundações periódicas.

A qualidade de uma estação, refere-se à produtividade potencial, presente ou futura, do povoamento de uma determinada espécie florestal. Consta-se, e o PROFR confirma, que nesta região existem boas condições de produção para as quatro espécies florestais actualmente instaladas na UG.

Estatuto de Conservação

Uma parte considerável da UG (55%) encontra-se dentro dos limites do Sítio de Importância Comunitária do Estuário do Tejo (PTCON0009 - R.C.M. n.º 142/97, de 28 de Agosto). Este sítio abrange uma área de 44.609 ha e tem como objectivo a conservação de diversos habitats naturais ou semi-naturais aqui existentes, referentes ao Anexo I da Directiva n.º 92/43/CEE, do Conselho, de 21 de Maio, transposta pelo D.L. n.º 226/97, de 27 de Agosto).

Riqueza faunística

No âmbito do estudo "Densidade e abundância de mamíferos na Companhia das Lezírias – resposta ao multi-uso e às práticas de gestão", foram identificadas seis espécies de pequenos mamíferos, duas de lagomorfos, oito de carnívoros e um artiodáctilo.

Relativamente à avifauna decorre um estudo "Valorização da diversidade biológica da Companhia das Lezírias" em três tipos de habitat.



Companhia das Lezírias

No montado, dos 102 pontos de escuta, foram detectados 65 espécies e uma riqueza média de $13,07 \pm 2,83$. Do ponto de vista trófico, 48% das espécies e 43% dos indivíduos são insectívoros, sendo que 27% e 35%, respectivamente, são granívoros, com destaque para o Tentilhão.

Nos pinhais e em resultado dos transectos efectuados foram detectadas 71 espécies. Do ponto de vista trófico 50% das espécies e 56% dos indivíduos são insectívoros, representando respectivamente os granívoros 26% e 35%.

No âmbito da monitorização das linhas de água que tem vindo a ser levada a cabo, verifica-se que na época de reprodução de 2008 foram detectadas 63 espécies no conjunto dos 35 locais de amostragem seleccionados relativos à Ribeira de Vale de Zebro e linhas de água adjacentes. A riqueza média foi de $14,23 \pm 2,88$ espécies na primeira amostragem e $13,32 \pm 2,56$ na segunda.

Olhando para o elenco das espécies, comprovada ou potencialmente existentes, e o seu estatuto de conservação, constata-se para além da diversidade evidente, a ocorrência confirmada de 28 espécies de aves do Anexo I da Directiva 2006/105/CE, quatro espécies de aves confirmadas em perigo, 14 espécies de aves com o estatuto vulnerável e a presença de lontra e rato de Cabrera.

Caracterização das zonas arborizadas

A UG possui uma área arborizada de 8.662 ha, o que corresponde a 79% da sua superfície. É constituída sobretudo por montado de sobreiro e pinhal e as principais funções são a produção e a silvopastorícia, em consonância com o que vem indicado no PROFR para esta zona. A importância destas funções não é homogénea dentro da UG pois existem áreas onde a principal função é a protecção ou a conservação, para referir apenas algumas.

Sobreiro

As áreas ocupadas por povoamentos de sobreiro correspondem a 78% da área arborizada e a 61% da área da UG. Desde 1992, que a área de sobreiro foi submetida a um plano de ordenamento que a dividiu em nove folhas e que visa ter em todos os anos tiragem de cortiça apenas numa das unidades e ter as mesmas a produzir sensivelmente a mesma quantidade.

Unidade	Área total (ha)	Produção (10 ³ @)	Produtividade (@/ha)
Folha 1	2292,9	75,7	154,7
Folha 2	1.063,8	75,1	196,6
Folha 3	1.825,3	74,1	149,0
Folha 4	1259,7	75,9	131,4
Folha 5	1.319,1	74,4	96,0
Folha 6	895,5	75,3	152,8
Folha 7	814,2	73,0	146,9
Folha 8	611,4	75,7	146,9
Folha 9	988,2	74,1	128,1
Total/Média	1.1074,1	74,8	144,7

O ordenamento trará vantagens ao nível da gestão e redução nos custos de exploração florestal. Este processo estará concluído em 2020.



Companhia das Lezírias

Pinheiro bravo

O inventário efectuado em 2007/2008 para a CL incidiu sobre os principais núcleos de pinheiro bravo da UG. Nesse levantamento constatou-se a existência de uma área de 953 ha de pinhal bravo distribuídos por doze pinhais. Três pinhais (Carrasqueira, Lentisqueira e Poceirão do Cunha) apresentam-se aqui divididos por talhões em virtude de serem constituídos por povoamentos com diferentes idades.

Pinhal	Área (ha)	Estrutura	Idade (anos)	Composição
Barba esteio	67	irregular	65	Puro
Carrasqueira	124	regular	74	Puro
	25		26	
	177		12	
Experiência	8	regular	26	Puro
Fonte de Lobo	64	irregular	33	Misto
Lentisqueira	54	regular	25	Puro
	9		10	
Malhada Alta	95	irregular	58	Misto
Montinhos	32	regular	18	Puro
Poceirão do Cunha	65	regular	41	Puro
	13		27	
Santo Amaro	108	regular	27	Puro
Silha do Matias	27	regular	18	Puro
Vale de Água	34	irregular	59	Puro
Vale de Frades	51	regular	54	Puro
Total	953			

A maioria dos pinhais a estação pertence à 1ª classe de qualidade ($h(50) = 22$ m).

Apresenta-se de seguida um resumo com outras variáveis caracterizadoras dos pinhais da UG.

	Talhão	N	G	dg	h _{dom}	V	CA	Fw
Barba Esteio		327	23	30	23	220	69	0,25
Carrasqueira	A	295	37	40	28	425	70	0,21
	B	520	15	19	16	100	84	0,28
	C	728	8	12	8	37	72	0,48
Fonte de Lobo		542	16	19	18	122	90	0,27
Lentisqueira	A	493	17	21	16	114	59	0,29
	B	1500	16	12	7	68	72	0,35
Malhada Alta		428	15	21	19	137	85	0,3
Montinhos		1080	17	14	11	89	76	0,28
Poceirão do Cunha	A	267	29	37	23	278	59	0,27
	B	300	16	26	16	112	58	0,35
Santo Amaro		640	20	20	17	144	78	0,24
Silha do Matias		340	8	18	13	51	72	0,42
Vale de Frades		320	27	32	21	241	62	0,27
Vale d'Água		600	19	20	19	159	87	0,22
Experiência		400	20	25	17	155	73	0,29



Companhia das Lezírias

Da análise dos valores constantes na tabela deriva uma forte variabilidade nas características dos vários pinhais que decorrem das suas diferentes origens e exploração e, mais recentemente, da incidência do nemátodo do pinheiro. Podemos verificar que a maioria dos pinhais não apresenta debilidade mecânica ($Ca > 80$) sendo que onde este valor é superior a 80 é necessário ter cautelas adicionais na altura de fazer desbastes.

Pinheiro manso

De uma forma geral, o pinheiro manso aparece disperso e surge espontaneamente, regenerando naturalmente e atingindo grandes dimensões. Embora existam zonas onde domina, aparece muitas vezes como segunda ou terceira espécie. Actualmente, a área precisa de pinheiro manso é de difícil determinação, mas atinge pelo menos os 512 ha. Destes, cerca de 230 ha são de povoamentos puros sendo os restantes 282 ha de áreas em que o pinheiro manso aparece associado a outras espécies e tem origem na regeneração natural.

Eucalipto

A área total de eucaliptal na UG ronda os 434 ha e concentra-se na zona do Catapereiro. Existem talhões em primeira, segunda e terceira rotações, sendo que noutros as toijas atingiram já o termo de explorabilidade. Daqueles, cerca de 397 ha encontram-se sob exploração directa do grupo Portucel Soporcel.

Principal risco – incêndios

A UG insere-se num município que tem conseguido manter um valor médio anual de área ardida abaixo dos 100 ha, sendo que, retirados os valores extremos em 2001 e 2003, esse valor é quase residual na última década (26 ha) e estando a área florestal afectada a reduzir-se no cômputo geral.

Em termos de incêndios, de referir apenas a ocorrência de alguns fogachos na UG nos últimos anos não havendo memória do último grande incêndio ocorrido.

Origem e princípios de organização do espaço

Em matéria de ocupação genérica do espaço, a UG pode ser vista como constituída por duas partes:

- uma que ocupa toda a área a nascente da EN 118 e a zona de Vale Frades até ao Campo de Tiro, excepção para a zona irrigada de Catapereiro,
- a outra incluindo toda a área de vinha e eucalipto a poente da referida estrada e, ainda, os pivôs e olivais de Catapereiro.

A principal diferença reside na matriz de povoamentos de sobreiro que impera na primeira e não existe na segunda. De qualquer forma, estas diferenças, como, aliás, toda a organização espacial da UG, derivam, essencialmente, da dinâmica que a introdução de novas actividades gerou, moldada pelas potencialidades edáficas de cada local que estariam na base da sua ocupação inicial.

Princípios de organização espacial

- A área de povoamentos de sobreiro deverá manter-se, admitindo que as áreas de maior potencial suberícola estão ocupadas por esta espécie (nestas já se incluem os novos povoamentos referidos neste plano). Admite-se, no entanto, a conversão de áreas marginais de



Companhia das Lezírias

pinhal bravo em montado, desde que apresentem uma densidade mínima de sobreiros, densidade que dependerá da idade das árvores;

- Os povoamentos de pinheiro bravo existentes deverão manter-se ocupando a área actual, admitindo-se a conversão para povoamentos de sobreiro em manchas onde esta essência tenha uma densidade que justifique;
- Em áreas de montado, as manchas de pinheiro bravo ou os exemplares dispersos serão progressivamente removidos por razões que se prendem com o desenvolvimento dos sobreiros e a erradicação do nemátodo;
- Em estações dominadas por solos com desenvolvimento incipiente, com predomínio de calhaus rolados, sempre que a regeneração natural o permita serão promovidos os povoamentos de pinheiro bravo ou manso;
- A área de pinheiro manso será promovida, quer a partir da regeneração natural por eliminação do pinhal bravo, quer por instalação em áreas degradadas sem coberto arbóreo ou com montado disperso;
- Serão mantidas como áreas de silvopastorícia as áreas com pastagens biodiversas e pastagens naturais sem riscos de erosão e com produção forrageira que o justifique;
- Continuarão a ser retiradas de pastoreio as áreas com prioridade de protecção (riscos de erosão, importância paisagística), com reduzida importância forrageira e as ilhas destinadas à regeneração do sobreiro e ao fomento das espécies bravias;
- O eucalipto manterá as áreas actualmente ocupadas, à excepção das parcelas em conversão;
- As linhas de água, enquanto áreas prioritárias para a conservação, serão alvo de medidas de protecção e, nalguns casos, de restauro.

Organização/distribuição do espaço existente

A tabela seguinte sumariza a distribuição do espaço da UG em termos de principal função de uso do solo existente:

Secção	Série	Talhão, folha, povoamento e parcela	Área (Ha)
Produção	Produção de cortiça	Folha 1	751
		Folha 2	478
		Folha 3	1102
		Folha 4	959
		Folha 5	985
		Folha 6	730
		Folha 7	638
		Folha 8	497
		Folha 9	646
	Produção de madeira de pinho	Talhão A - povoamento	464
		Talhão B - povoamento	225
		Talhão C - povoamento	323
Produção de pinhas	Povoamento	225	
Produção de lenho de eucalipto	Talhão	434	
Protecção	Protecção das barragens	Parcela	189
	Protecção das arribas	Parcela	122
	Protecção da regeneração sb/caça	Parcela	103.5
Conservação	Conservação de espécies nas linhas de água	Parcela	107
Silvopastorícia	Aparcamentos	Parcela	123
	Armários e baixas	Parcela	43
Cinegética	Refúgios	Parcela	2
Enquadramento Paisagístico	Cortinas visuais	Talhão	11



Companhia das Lezírias

Gestão das principais essências florestais

Pinheiro bravo

A manutenção da área actualmente ocupada decorre da política florestal preconizada, no sentido de diversificar, tanto quanto possível, as produções florestais, bem como dos princípios de organização do espaço. Esta orientação baseia-se:

- na qualidade das estações para esta espécie;
- no interesse dos pinhais enquanto dormidas para os pombos, espécie cinegética da maior importância para a CL;
- no carácter pioneiro que as áreas de pinhal possuem para o estabelecimento do sobreiro;
- no interesse da diversificação dos cobertos para a conservação da biodiversidade.

A sua gestão, para além de incorporar o conhecimento das características da espécie na zona, tem em atenção os condicionamentos impostos pela incidência do nemátodo do pinheiro na UG, a sustentabilidade na geração dos proveitos libertados e a relevância cinegética dos pinhais com mais de 20-25 anos.

Sobreiro

A gestão dos povoamentos de sobreiro pauta-se pelos seguintes princípios:

- Melhoria das condições vegetativas do sobreiro através da melhoria das condições edáficas com a instalação de pastagens biodiversas, melhoradoras do solo e da sua manutenção por mais de dez a quinze anos; cuidado particular na extracção da cortiça evitando ferimentos nas árvores e equilibrando a intensidade da despele com o estado da árvore; remoção de pinheiros competidores e correcção de densidades excessivas;
- Garantia da sustentabilidade do arvoredo através da protecção da regeneração natural com protectores individuais e exclusão de pastoreio de áreas do montado;
- Exclusão de pastoreio de áreas de montado sem potencial forrageiro e gestão da vegetação espontânea no sentido de a deixar desenvolver para estágios evoluídos de que o sobreiro faria parte;
- Introdução de discontinuidades (ex: protecção das linhas de água, manutenção de ilhas não perturbadas, manchas de mato) no sentido de incrementar ainda mais a biodiversidade do montado.

Desde 2006, os povoamentos de sobreiro têm vindo a ser submetidos a um conjunto de operações que acontecem de forma sequencial:

- Poda de formação dos sobreiros antes da desbóia e escolha de varas;
- Remoção dos pinheiros bravos e dos pinheiros mansos que competem com os sobreiros;
- Desramação dos pinheiros mansos que permanecem;
- Marcação da regeneração de sobreiro a proteger;
- Colocação de protectores individuais com 1,8m de altura (em média 5 por hectare) e instalação de cercas em áreas com grande densidade de regeneração natural;
- Instalação de pastagem permanente biodiversa nos melhores solos, protegendo as áreas declivosas e as envolventes das linhas de água.



Companhia das Lezírias

Pinheiro manso

É uma espécie cuja importância tem vindo a aumentar na UG, quer pelo aumento da área que ocupa quer pelo significado das suas vendas. O crescimento de área decorre da instalação de diversos povoamentos nos anos oitenta e noventa mas, também, da condução da regeneração natural, abundante em vários pontos da UG. Actualmente, a condução dos pinheiros mansos tem privilegiado a boa conformação das árvores para que formem uma copa grande e arejada, apropriada para a produção de pinhas e um fuste limpo de inserção de pernas, pelo menos até aos 3-4 m de forma a permitir uma futura mecanização da apanha.

Eucalipto

Os povoamentos de eucalipto são geridos pela empresa Portucel-Soporcel, SA

Cinegética

Os doze anos passados com os actuais limites e áreas da ZCT permitiram pôr em prática, neste território, uma gestão das populações cinegéticas visando a compatibilização com as restantes actividades agrícolas e florestais, a sua própria sustentabilidade e a do conjunto das espécies bravias.

O estado actual das populações cinegéticas sedentárias reflecte a interacção de diversos factores, havendo a destacar, de entre aqueles passíveis de serem influenciados pela gestão, os seguintes:

- Coberto de protecção ausente ou escasso em amplas áreas;
- Escassez de alimento na estação seca nalgumas áreas;
- Efeito das epizootias;
- Pressão elevada da predação.

Estes factores interagem entre si, sendo, no entanto o seu contributo para a dinâmica populacional de cada espécie, e em cada zona, muito diferente.

Coelho bravo

Toda a área tem condições excelentes para a existência de populações de coelho bravo, tendo em conta o predomínio de solos arenosos, o mosaico dos usos do solo e o carácter extensivo da sua exploração. Apesar destas condições, e principalmente fruto do efeito das epizootias, mas, também, da destruição de grande parte do coberto de refúgio em vastas áreas para culturas arvenses e pastagens e do efeito de forte predação, as populações de coelhos desceram a níveis relativamente baixos em muitas zonas da UG. Desde 2008 tem-se vindo a pôr em prática um conjunto de medidas que visam recuperar as populações a níveis capazes de suportarem os efeitos das epizootias e uma exploração cinegética adequada, mantendo-se sustentáveis. Estas medidas visam a melhoria do habitat, através da manutenção do coberto de refúgio, protecção das luras, adensamento da rede de comedouros e bebedouros e reforço da população com deslocamento de animais de núcleos com grande densidade para zonas com baixos níveis populacionais. A pressão cinegética tem sido reduzida ou, mesmo, nula em muitas áreas da UG.

Lebre

A lebre encontra vastas áreas abertas, planas a pouco onduladas, com vegetação herbácea desenvolvida do final do Inverno até ao Outono e com a tranquilidade necessária ao seu desenvolvimento. A existência de oito pivôs de regadio, três dos quais com luzerna, num total de 460 ha de área regada numa área agrícola de 690 ha tornam o Catapereiro numa área particularmente importante para os lagomorfos e para a lebre em particular. Especiais cuidados na pressão cinegética, interrompendo a caça quando aparecem fêmeas cheias com fetos desenvolvidos, no controlo da predação e no desenvolvimento dos



Companhia das Lezírias

cortes das culturas forrageiras, permitirão aumentar os níveis populacionais para próximo da capacidade do meio para esta espécie.

Perdiz vermelha

Apesar de a UG não ter, hoje, com o desaparecimento das áreas de culturas arvenses de sequeiro, as melhores condições de habitat, a presença de largas áreas de pastagens biodiversas em modo de produção biológico, garante fontes de alimentação abundantes nas fases de criação dos perdigotos, complementadas pela instalação de pequenos campos de cultura, distribuição de comedouros e de trigo nos locais onde se observam bandos e a densificação da rede de pontos de água, através das charcas e bebedouros. A alteração das vedações e a transumância do gado para a lezíria de Março a Outubro, permite melhorar a tranquilidade e garantir áreas de criação adequadas. Ainda assim, a pressão predatória, quer sobre os ovos quer sobre os perdigotos, impede que a população atinja densidades mais expressivas.

Javali

O javali é a única espécie de caça maior existente na zona de caça. Apesar de ter voltado a ocorrer nesta região há relativamente poucos anos, tornou-se, face à diversidade de usos e à retracção da área agrícola, uma espécie abundante que percorre toda a zona de caça e suporta uma pressão cinegética intensa. A sua capacidade adaptativa e a dinâmica populacional permite-lhe ultrapassar as épocas com maior escassez de alimento, recorrendo a estratégias de busca bastante abrangentes no território e que provocam avultados estragos nas culturas agrícolas e florestais e uma predação sobre as restantes espécies que, pese embora seja difícil de avaliar, será seguramente importante.

Espécies migradoras

Em virtude da dimensão e da diversidade de cobertos que ocorrem nesta zona de caça, reúnem-se condições para a ocorrência de diversas espécies migradoras. Os quantitativos, em média muito maiores no caso de umas do que de outras, variam muito ao longo dos anos, em virtude da disponibilidade de alimento e das condições meteorológicas na região e nos locais de origem. Em termos de avaliação das potencialidades e face à variabilidade interanual e ao reduzido controlo que a gestão tem nesses quantitativos, o histórico dá as melhores indicações. A gestão do coberto vegetal e a tranquilidade permitem aproveitar, da melhor maneira, os quantitativos que aqui chegam.

Pombos

Na ZCT estão reunidas as duas condições essenciais para a ocorrência de pombos em grande número, face à área de montado de sobro, produtora de alimento, e aos povoamentos adultos de pinheiro bravo. A variabilidade do seu número está muito relacionada com a variação de produção de lande de ano para ano, tendo em conta que os pinhais são geridos em função da sua importância enquanto dormidas, permanecendo alguns muito para lá do termo de explorabilidade e interrompendo-se os trabalhos de exploração e gestão durante a época de caça.

Rola-comum

Anualmente são instalados pequenos campos de culturas como o girassol, tritcale, gramicha, entre outras, que permitem fixar alguns exemplares que justificam algumas jornadas de caça, permitindo diversificar a oferta da ZCT. Os quantitativos anuais são muito variáveis em função dos campos de cultura e dos fluxos migratórios.

Das restantes migradoras, as galinholas, as narcejas e os patos, particularmente o pato-real proporcionam, todos os anos, algumas jornadas interessantes para pequenos grupos de caçadores.



Companhia das Lezírias

Já as rolas, a codorniz, os tordos e o estorninho-malhado, apesar de ocorrentes, apresentam quantitativos geralmente pouco abundantes, sendo limitadas as jornadas de caça que poderão proporcionar.

Medidas de conservação e fomento

Uma vez que a gestão cinegética da Companhia das Lezírias, S.A. tem vindo a prosseguir objectivos de sustentabilidade, em compatibilização com as restantes actividades produtivas, as medidas de conservação e fomento tenderão a manter-se, reforçadas pelo facto de grande parte da área estar em modo de produção biológico e haver, hoje, um esforço maior no sentido de conhecer melhor as populações de animais, cinegéticos e não cinegéticos, e compreender os efeitos dos diferentes usos do solo na sua dinâmica.

Intervenções sobre o habitat

As intervenções sobre o habitat vão continuar a incidir nas vertentes fundamentais: água, alimento, coberto de refúgio e tranquilidade.

Outros produtos

Produção de bolota

A produção de bolota, apesar da sua irregularidade, tenderá a aumentar a sua importância económica no futuro, principalmente pelo seu aproveitamento através da engorda de porco preto em montanha.

A lenha de sobro

A importância da lenha de sobro traduz-se mais na remoção em tempo útil do material lenhoso que seria fonte de agentes passíveis de atacar outras árvores sãs ou fragilizadas. Assim, apesar de se traduzir numa receita não despreciable, na verdade, trata-se também de um custo evitado. Anualmente, produzem-se cerca de 1.500 t de lenha de sobro que se espera venha a diminuir com a melhoria das condições vegetativas e sanitárias das árvores.

A estilha

Com o aumento da procura de biomassa para fins energéticos, a maior parte dos sobrantes da exploração florestal da UG passou a ser transformada em estilha e vendida directamente a intermediários deste produto ou directamente a utilizadores finais.

A apicultura

Sendo um produto com larga tradição na UG, a CL aposta numa parceria que lhe permite pôr no mercado o mel com a sua marca e produzido na UG com todas as garantias de processamento que uma central meleira moderna proporciona mas sem o investimento que dificilmente rentabilizaria nesta região. Assim, existem actualmente oitenta colmeias geridas no âmbito dessa parceria que deverão aumentar até às quatrocentas. O mel é embalado e comercializado sob a denominação de "Companhia das Lezírias" quer nas lojas da CL quer através de uma rede de lojas *gourmet*.



Companhia das Lezírias

O lazer, os serviços ambientais e a paisagem

A aposta estratégica, tomada em 2006, de criar uma área de negócios especificamente direccionada para as actividades de lazer e conhecimento na área do turismo de natureza tem vindo a mostrar-se acertada face ao número crescente de visitantes e ao aumento que este segmento de mercado tem vindo a dar mostras.

Programa de gestão da biodiversidade

Estamos em presença de um território altamente intervencionado mas que mantém, ainda assim, um elevado valor natural, pelos habitats em presença, pelo número de espécies e pelo estatuto de conservação de muitas delas. Tratando-se de uma área em que as actividades agrícolas, pecuárias e florestais têm convivido e ajudado a conservar habitats e espécies, o desafio é, precisamente, intervir no sentido de melhorar as práticas e recuperar alguma complexidade de cobertos, no sentido de aumentar a área dos habitats mais favoráveis, colmatar algumas deficiências em certos aspectos do ciclo de vida das espécies, no sentido de garantir uma verdadeira sustentabilidade das actividades desenvolvidas.

Prevenção contra agentes abióticos

No que respeita aos factores abióticos que podem provocar danos na floresta, apenas o encharcamento e os incêndios podem, em certa medida, ser evitados ou minorados os seus efeitos.

No que respeita ao excesso de água nas raízes, a manutenção e eventual reforço do sistema de drenagem natural da UG, através de um especial cuidado no trânsito de máquinas e viaturas e no desassoreamento e abertura de valas, poderão melhorar a má drenagem natural de muitas destas zonas.

Já no que se refere aos incêndios, como já foi referido, a UG apresenta uma perigosidade moderada devido à conjugação da descontinuidade de combustíveis e relevo suave, que é complementado com excelentes acessibilidades, proximidade ao quartel de bombeiros e um conjunto de medidas de gestão e prevenção que reduzem o risco de ocorrência de grandes incêndios.

Prevenção contra agentes bióticos

A base da estratégia de prevenção contra agentes bióticos na UG corresponde a um esforço continuado de manter práticas de gestão dos sistemas florestais que não ponham em causa o bom estado vegetativo das árvores. Este objectivo é tanto mais difícil por quanto se sucedem anos de seca prolongada com outros de grande precipitação, o que determina, nas condições de UG, causas importantes de stress para as árvores, predispondo-as ao ataque por diversos agentes sempre presentes.

Balanço económico e financeiro previsional

Análise do sistema "montado"

O sistema montado é aquele que apresenta maior contribuição para os proveitos da produção florestal, contribuindo ainda, de forma não contabilizável, para o conjunto dos restantes produtos e serviços não lenhosos. O actual plano de gestão prevê um ciclo de trabalhos culturais tomando o novénio que medeia cada tiragem de cortiça como base, durante o qual se asseguram os trabalhos necessários a garantir a perenidade do sistema, nomeadamente com podas de formação, protecção da regeneração e erradicação de pinheiros invasores.



Companhia das Lezírias

Em termos dos pressupostos assumidos, isto é, com uma evolução dos preços de acordo com uma inflação de 2%, o sistema mantém-se rentável com um resultado médio antes de impostos e custos financeiros, até 2028, de 67 €/ha ou 321 mil euros no total. O resultado degrada-se para 29€/ha e 141 mil euros caso o preço se mantenha inalterado até 2028 em 20 euros. No entanto, caso o preço da cortiça se degrade em 2% por ano ou mais, o resultado médio para o período referido passa a negativo, mantendo-se positivo apenas até 2012. O preço a partir do qual o resultado se mantém negativo para produções anuais médias é de 15,4€/@. Estes resultados apontam no sentido da necessidade de garantir, pelo menos, a manutenção do preço da cortiça, muito provavelmente por uma mais criteriosa formação das pilhas, e da redução de custos.

Análise do pinhal bravo

O pinhal bravo é o principal sistema de produção lenhosa da UG e corresponde àquele que cobre maior área logo a seguir ao montado. É o sistema que envolve menores custos de gestão dos vários sistemas florestais em presença (52 €/ha/ano), mas é também aquele que gera resultados mais modestos por hectare (71 €/ha/ano).

A gestão do pinhal bravo depara-se, actualmente, com os problemas gerados pela presença e efeitos do nemátodo do pinheiro. Os efeitos deste verme fazem-se sentir quer através da perda de proveitos, face à perda de acréscimos futuros, perda na madeira vendida cujo peso cai para 1/3 e que não pode ser valorizada da mesma forma, sendo as árvores com dimensão para serração vendidas por um valor inferior a 1/3 das sem sintomas, quer pelos custos da erradicação, que obriga à recheia dos sobrantes e respectiva queima ou remoção.

Em termos dos pressupostos assumidos, isto é, com uma evolução dos preços de acordo com uma inflação de 2%, o sistema mantém-se rentável com um resultado médio anual antes de impostos e custos financeiros, até 2028, de 71 €/ha ou 70 mil euros no total. O resultado degrada-se para 53€/ha e 52 mil euros caso o preço se mantenha inalterado até 2028. No entanto, apenas caso o preço da madeira se degrade em 12% por ano ou mais, ou seja 47% no total, o resultado anual médio para o período referido passará a negativo, mantendo-se, no entanto, positivo até 2014.

Análise do pinhal manso

O pinhal manso sofreu a maior evolução recente em termos de área na UG, através quer do aproveitamento da regeneração natural quer do estabelecimento de novos povoamentos. É o sistema de produção florestal geradora de maior resultado por unidade de área e, se os pressupostos se verificarem, suplantará o pinhal bravo em termos de resultados totais. No entanto, na última campanha verificou-se uma acentuada descida do valor da pinha, reflectindo a competição de produtos importados, nomeadamente o pinhão da Turquia e da China. Também a entrada em produção de uma significativa área de povoamentos instalados nos últimos vinte anos poderá reflectir-se na evolução do preço. Ainda assim, trata-se de um sistema promissor, tendo em conta a geração de receitas anuais.

Em termos dos pressupostos assumidos, isto é, com uma evolução dos preços de acordo com uma inflação de 2%, o sistema mantém-se rentável com um resultado médio antes de impostos e custos financeiros, até 2028, de 138 €/ha ou 70 mil euros em média por ano. O resultado degrada-se para 94€/ha e 48 mil euros caso o preço se mantenha inalterado até 2028. No entanto, apenas caso o preço da pinha se degrade em 7% por ano ou mais, o resultado médio para o período referido passará a negativo, mantendo-se, no entanto, positivo até 2014, ou seja, com uma queda acumulada de 35% (0.19€/kg).

Análise do eucaliptal

A produção de eucalipto da UG está na sua maior parte sob gestão do grupo Portucel Soporcel, sujeita a um contrato de parceria em que a responsabilidade e custos de instalação e gestão correm por conta daquele grupo e a CL recebe uma parcela dos proveitos originados pelo corte. É, pois, um sistema sem



Companhia das Lezírias

custos que não seja o custo de oportunidade da terra que, dadas as suas características, não oferece grandes alternativas, sendo que estas, quando surgem, têm vindo a ser implementadas por desafecção com o acordo da Portucel Soporcel .

Análise dos restantes recursos

Os restantes recursos aqui referidos e objecto de contabilização correspondem a um contributo relativamente menor dos resultados da actividade florestal, ainda que não despreciando, sendo ainda importantes por razões de imagem da empresa. No caso da estilha, trata-se de uma actividade para anular custos, rentabilizando a gestão de sobranes, uma das mais onerosas na exploração florestal. Em conjunto, a caça, o mel e a biomassa representam 14% dos proveitos e dos resultados, sendo que a caça corresponde a 95% dos proveitos e resultados destes recursos em conjunto.

Em termos de perspectivas, admite-se um crescimento constante quer dos proveitos da caça, baseado nos investimentos na caça menor, quer da biomassa, com o aumento da procura devido à entrada em funcionamento de novas centrais. Apesar de não se ter reflectido nas contas, admite-se um aumento do peso destes recursos em cerca de 5% no total dos resultados, o que poderá ser superior no caso de evoluções negativas nas principais produções florestais.

Análise global

Decorre das análises acima explanadas um elevado grau de incerteza relativamente à evolução dos mercados das principais produções florestais da UG, tanto no que respeita ao preço como à procura. A diversificação é a estratégia chave, uma vez que os mercados não evoluem todos da mesma forma. Apenas uma descida consecutiva de 5% no preço dos três principais sistemas de produção – montado, pinhal bravo e pinhal manso – determinam resultados consecutivos e um valor acumulado negativos num horizonte de 20 anos. No entanto, uma queda anual de 6% do preço da cortiça terá o mesmo efeito, mesmo mantendo-se a madeira e pinhas a preços constantes. Assim, a preponderância da produção da cortiça, com cerca de 55% dos resultados, expõe a UG a uma grande dependência da evolução do mercado desta matéria-prima. Esta situação só poderá ser alterada com um contributo real de actividades que estão apenas a dar os primeiros passos, como o lazer, e alguns serviços ambientais como o mercado de carbono e a conservação da biodiversidade.